

## **MEMÓRIAS DO CÁRCERE : UM DIÁLOGO ENTRE GRACILIANO RAMOS E NELSON PEREIRA DOS SANTOS**

Mauricio Gomes da Silva

Analisando a história do cinema, que surge no fim do século XIX, podemos notar que foram várias as mudanças que ocorreram nessa arte. Desde 1895, quando, na cidade de Paris, ocorreu a primeira exibição pública de um filme, até os dias atuais, novas técnicas de produção e exibição surgiram, vários movimentos propuseram os mais variados enfoques dos mais variados temas que procuraram atingir os mais variados públicos. O fato é que nesse pouco mais de um século de existência, o cinema se expandiu, tanto quantitativa quanto qualitativamente, em todos os aspectos possíveis, passando a desempenhar, de acordo com o contexto histórico, as mais variadas funções.

De forma genérica, é possível dizer que o cinema, assim como as demais artes, cumpriu, e cumpre, várias funções dentro de uma sociedade. Um filme pode ser encarado como uma mera diversão, uma fonte de informação, de reflexão, de conhecimento e, como aconteceu em vários momentos durante o século XX, como uma ferramenta política. Enfim, um filme pode desempenhar vários papéis e assumir os mais diversificados aspectos dependendo do momento histórico em que é produzido ou analisado, pois em muitas ocasiões a visão daquele que analisa uma obra cinematográfica tem origem em questões e preocupações do momento histórico em que é realizado o exame, e não do momento histórico em que o filme é feito.

Parafraseando Marc Bloch (2001), um filme, assim como os homens, são filhos de sua época, no entanto, como afirma Karl Marx (1978), o homem também é pai de seu tempo no sentido de que ele faz esse tempo, dentro de determinadas limitações. Dessa forma, o cinema, como obra humana que compõe a história, também surge como fruto dessas limitações. Independentemente do tema abordado e da forma como é trabalhado esse tema, cada filme traz a marca do momento histórico em que é produzido. Qualquer observador desatento, pode enumerar, sem maiores dificuldades, as várias diferenças existentes entre um filme produzido no ano de 2011 e outro confeccionado nas

primeiras décadas do século XX. Por mais que esse observador não consiga determinar a que época histórica pertence os filmes que lhe são expostos, ele pode determinar algo: ambos não pertencem a mesma época.

Um cineasta, por sua vez, pode, ou não, estar engajado politicamente, sendo que esse engajamento político pode dar atenção aos mais variados propósitos, e atender, de forma direta ou indireta, aos mais variados interesses. Seja denunciando, informando ou provocando reflexões, politicamente um filme pode ter várias funções, favorecendo ou prejudicando interesses, legitimando ou desqualificando questões.

A problemática que surge nesse momento, e que independe da vontade de quem faz cinema ou de quem o analisa, é que uma obra cinematográfica traz a marca interpretativa de quem a produziu. Como uma impressão digital, o tratamento de uma temática passa pelo crivo interpretativo do cineasta.

O cinema brasileiro não foge a essas regras. A história deste é repleta de várias cineastas que trabalharam com os mais variados temas e integraram, ou não, movimentos que buscaram estabelecer visões críticas sobre a sociedade brasileira, dando um fim político as suas obras. Esse é o caso de Nelson Pereira dos Santos, que desde o início da sua carreira comprometeu-se em fazer de sua arte uma ferramenta política.

Dono de uma extensa lista de filmes nos quais abordou uma grande variedade de temas, o que acabou lhe rendendo várias premiações nacionais e internacionais, Nelson Pereira, assim como Glauber Rocha, ficou conhecido como um dos grandes cineastas que integrou o movimento *Cinema Novo*, movimento cinematográfico influenciado pelo Neo-Realismo Italiano e pela “Nouvelle Vague” francesa e que produziu profundas mudanças no cinema brasileiro. Com novas técnicas, temas e outras formas de abordagens dessas temáticas, buscou-se estabelecer uma inovadora visão sobre a realidade brasileira. Esse objetivo estava diretamente ligado à efervescência da década de 1960, momento histórico em que questões políticas e sociais agitavam o país.

Examinando a filmografia de Nelson Pereira dos Santos, que inicia seus trabalhos no ano de 1949 com o curta-metragem *Juventude*, podemos notar que este cineasta, desde o início de sua carreira, esteve comprometido em fazer um cinema

engajado politicamente, seja denunciando, seja criticando problemas da sociedade brasileira. Em *Rio 40 graus* (1955), Nelson Pereira escancara as mazelas da vida no subúrbio carioca, já em *Vidas Secas* (1963), uma adaptação baseada no livro homônimo de Graciliano Ramos, podemos notar, claramente, uma denúncia e uma crítica a situação de extrema pobreza, desqualificação como ser humano e falta de perspectivas a que eram submetidas boa parte da população da região do nordeste brasileiro

Os filmes dirigidos por Nelson Pereira foram, e ainda são, influenciados pela dinâmica social das épocas em que foram gerados. No entanto, não podemos deixar de considerar as influências das permanências e do amadurecimento a que está sujeito um diretor, e que também influenciam direta e indiretamente a produção de seus filmes, além da evolução técnica, que traz novas possibilidades de trabalho na construção de uma película.

Ana Paula Andrade, em um artigo que compõe o livro *Metamorfoses das Linguagens* (2009), trabalha tanto com os contextos históricos como com o amadurecimento de Nelson Pereira ao longo da sua carreira cinematográfica, quando aborda, de forma comparativa, os filmes *Vidas Secas* e *Memórias do Cárcere*. Nesse texto, a autora deixa claro que no último filme, Nelson Pereira foi influenciado diretamente pelo contexto política da década de 1980, que tinha como horizonte o fim da ditadura e a redemocratização. Também é apontado que o cineasta amplia seu público alvo, já que o filme não foi destinado a um seletivo grupo intelectualizado, como foi o caso de *Vidas Secas*.

Produzido no ano de 1984, *Memórias do Cárcere* também foi um adaptação de uma obra homônima de Graciliano Ramos. Neste livro, o literato retrata os difíceis e amargurados momentos que passou quando foi preso, vítima da onda repressiva instaurada pelo governo de Getúlio Vargas após a Insurreição Comunista de 1935. Assim como vários outros indivíduos que são retratados na obra, Graciliano Ramos fora preso sem a apresentação de um motivo formal. Taxado como comunista e elemento subversivo, passou por vários tipos de prisões, onde vivenciou degradantes experiências e manteve contato com os mais variados tipos de indivíduos, desde militantes políticos de esquerda que estavam envolvidos na Insurreição de 1935, até infratores e bandidos da pior estirpe.

A adaptação de uma obra literária para o cinema é uma interpretação desta. De acordo com os propósitos do diretor, ele irá suprimir ou destacar personagens, dar uma maior ou menor ênfase em determinadas passagens, enfim, cabe ao diretor a realização dos recortes o que implica em um diálogo entre o diretor e a obra que é adaptada. Esse diálogo, por sua vez, é carregado dos valores e ideias do tempo em que ele é realizado, o que faz com que um filme não seja um retrato fidedigno do livro. Nelson Pereira dos Santos, por exemplo, ao trabalhar com a autobiografia de Graciliano, suprimiu grande número de personagens, característica destacada por Andrade:

Respeitando as convenções sobre a duração de um filme e mesmo por razões econômicas, o cineasta – sem comprometer a estrutura histórica contada por ramos – realizou algumas sínteses na construção do seu roteiro, como, por exemplo, a redução dos cerca de trezentos personagens da obra em aproximadamente cem e fusão de várias personalidades em cada um deles.(ANDRADE, 2009, p.59)

O próprio Graciliano é retratado de forma simpática pelo diretor, sendo bem quisto pelos presos. Andrade (2009, p. 60), classifica Graciliano como uma marca de cultura nos degradantes ambientes prisionais por que passou, sendo que seu ofício de escritor o afasta dos presos, já que é uma marca distintiva, mas ao mesmo tempo o aproxima, pois em algumas ocasiões presos solicitam ao literato que os integrem nos seus escritos.

Há que se destacar aqui, em contraste com o convívio cordial que é estabelecido com maioria dos presos, o conflitante relacionamento que o escritor estabelece com os militares. Nas duas primeiras prisões, destaca-se a presença desses indivíduos que aparecem como autoritários, disciplinados e disciplinadores dos demais presos. No entanto, em contraposição, em uma das cenas, quando os sublevados da Escola de Aviação chegam a prisão, são recebidos como heróis. Esse embate entre os militares e o escritor, que se posiciona contrariamente aos ímpetus disciplinadores daqueles e das pretensões de heróis salvadores da pátria, ao nosso ver, representa uma crítica a Ditadura civil-militar, que em 1984, ano do lançamento do filme, já vivia seus últimos momentos.

Mas esses não são os únicos embates retratados no filme, já que neste aparece, também, entreveros entre Graciliano e alguns militantes de esquerda, ciosos por impor e manter a prática e a disciplina partidária no ambiente carcerário. Fato que podemos constatar já no fim do filme, quando Graciliano, combalido por doença que lhe afligia, compra uma cama de um dos presos e é severamente criticado por um militante preso, que lhe acusa de perpetuar idéias, valores e práticas burguesas.

Os questionamentos e a visão crítica de Graciliano vão além desses embates explícitos. Um olhar mais apurado sobre *Memórias do Cárcere*, e que também pode ser percebida no filme, nos mostra o escritor realizando, através de seu ofício, um exame mais profundo da realidade brasileira. Através de sua literatura, Graciliano questiona as mudanças ocorridas no Brasil naquele período, alterações essas que tem como marco a Revolução de 1930. Ao escancarar um Brasil repleto de contradições, com regiões muito diferente das áreas detentoras de um maior dinamismo político e econômico, Graciliano questiona que tipo de revolução é esse que está acontecendo, bem como a quem ela beneficia, nos mostra a complexidade dos problemas do Brasil.

Já o filme, em si, revela muito sobre década de 1980. Produzido em uma época de transição da sociedade brasileira, a produção dessa película é um atestado de uma ditadura agonizante. Impossível de ser realizado em anos anteriores, devido a ferrenha censura empregada pelos governos ditatoriais, o filme revela a porta que se abre e que deixa entrar, novamente, a liberdade. Além disso, o filme também possuiu um respaldo de produção, já que nele atores como Carlos Vereza e Glória Pires, artistas de qualidades, mas, com certeza, extremamente caros, já que integravam, e ainda fazem parte, do elenco de artista da Rede Globo de Televisão.

Comparando a obra literária de Graciliano Ramos com a obra cinematográfica de Nelson Pereira dos Santos, - mas tomando os devidos, já que ambos trabalham com artes que possuem linguagens diferentes – fica claro que ambos possuíam objetivos em comum, como o fato de cada um, ao seu tempo e do seu jeito, estarem comprometidos com a construção de um pensamento crítico sobre a sociedade brasileira, pensamento este vinculado a concretização de mudanças objetivas nessa sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, Marc Leopold Benjamim. *Apologia da história ou ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luiz Bonaparte (1852)*. In. *Os Pensadores*. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural. 1978.

SILVA, Marcos (org). *Metamorfoses das Linguagens*. São Paulo: LCTE, 2009.

VIANA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935: sonho e liberdade*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.